



## LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS: SUJEITOS ESQUECIDOS BARBACENA/MINAS GERAIS

**NASCIMENTO, CLÁUDIO (1); SILVA, LUDIMILA M. R. (2); DEUS, JOSÉ A. S. (3);  
BRAGA, LILIANE R. DE O. (4); GIANASI, LUSSANDRA (5)**

- (1) Graduando em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil.  
Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG  
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901  
E-mail: [nascimentogeografando@gmail.com](mailto:nascimentogeografando@gmail.com)
- (2) Geógrafa, Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG  
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901  
E-mail: [ludimilardrigues86@gmail.com](mailto:ludimilardrigues86@gmail.com)
- (3) Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG  
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901  
E-mail: [jantoniosdeus@uol.com.br](mailto:jantoniosdeus@uol.com.br)
- (4) Geógrafa, Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG  
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901  
E-mail: [liliane.geo@gmail.com](mailto:liliane.geo@gmail.com)
- (5) Docente Dr<sup>a</sup> Adjunta/Pesquisadora em Geografia do Instituto de Geociências da UFMG/Brasil e Coordenadora do CENEX – IGC/UFMG.  
Avenida Antônio Carlos 6627 Laboratório de Geografia Agrária 3041 – 3º andar IGC-UFMG  
Pampulha/ Belo Horizonte MG. CEP: 31270901  
E-mail: [lussandrams@gmail.com](mailto:lussandrams@gmail.com)

## **RESUMO:**

O município de Barbacena, estado de Minas Gerais (sudeste brasileiro), guarda em sua história e memória, um passado relevante por ter construído um dos maiores manicômios do Brasil. O antigo hospital Colônia que desde 1996 abre suas portas em contexto memorial, sobretudo em seu museu da loucura (ala do hospital colônia), levando para seus visitantes histórias e memórias da realidade vivenciada pelos pacientes ali outrora esquecidos. A memória que é histórica será reconstruída neste trabalho através de lembranças, sobretudo dos sujeitos envolvidos no contexto do museu. Muitas dessas pessoas remetem á memórias através de fotografias, imagens, documentos e objetos. Estes sujeitos representados no museu da loucura (antes ala do Hospital Colônia) foram esquecidos, maltratados, considerados como escória da sociedade mineira e brasileira. Pessoas com sofrimento mental ou não de várias partes do Brasil eram internadas no hospital Colônia para serem esquecidas naquele lugar. Houve muitas mortes, sobretudo pelos maus tratos, má higiene, frio, descuido e descaso das autoridades da época. Além disso, existiu convivência da sociedade, das famílias, dos médicos e dos políticos. Manter viva esta memória é importante, pois seus significados históricos, políticos e sociais nos faz refletir acerca do momento contextual e conjectural da sociedade mineira no século passado. Este trabalho é de natureza etnogeográfica<sup>1</sup> em que seu universo investigativo (re) emergente da geografia cultural considera que as experiências, memórias, vivências e lembranças são relevantes em um contexto científico, acadêmico e social. A metodologia proposta e utilizada é a de base etnogeográfica. Procurou-se entrevistar os visitantes do museu e também pessoas que trabalham ou que trabalharam no museu. Ademais, utilizou-se de fontes e revisão bibliográficas, sobretudo em leituras sobre memória e história. O objetivo deste artigo é discutir acerca da importância da preservação do museu da loucura e sua permanência como lugar de memória e lembranças. Justifica-se pela relevância de sua memória histórica e patrimônio ainda não tombado pelos órgãos competentes. Lugar de memória em que convida pessoas à reflexão. Preservar o museu que pode ser patrimônio é cuidar e garantir que a história e os sujeitos esquecidos do município de Barbacena não se percam (mesmo que esta história tenha sido negativa). Muitos barbacenenses não aceitam o que aconteceu ou não querem lembrá-la. Divulgá-la e mostrar para gerações futuras é relevante. Lugares como o museu da loucura são importantes propulsores de discussões e reflexões, pois aprender com os erros do passado é necessário para que os mesmos não sejam mais reproduzidos.

**Palavras-chave:** Museu da loucura; Etnogeografia; Barbacena; Memória; Patrimônio Histórico

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido sobre a orientação do Grupo de Estudos Culturais e Etnogeográficos (GECES), coordenado pelo Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus.



## INTRODUÇÃO

O município de Barbacena guarda em sua história e memória um passado particular e relevante em contexto e conjectura para Minas Gerais e para o país. Nele construiu-se o maior hospital manicômio do estado e um dos maiores do Brasil. O antigo Hospital Colônia, inaugurado em 1903, no decorrer das primeiras décadas do século XX se mostrou como o Hospital dos horrores e dos maus-tratos, sobretudo para pacientes indesejados pela sociedade e seus familiares. Eram sujeitos que deveriam ser esquecidos e, dessa forma, considerados escória da sociedade mineira e brasileira.

Em 1996 o antigo hospital Colônia abriu suas portas em um contexto memorial, sobretudo em seu museu da loucura (ala do hospital colônia), levando para seus visitantes histórias e memórias da realidade vivenciada pelos pacientes ali outrora esquecidos.

A memória, que é também histórica, será reconstruída neste trabalho através de lembranças, sobretudo dos sujeitos envolvidos no contexto do museu. Muitas dessas pessoas remetem à memórias através de fotografias, imagens, documentos e objetos. Estes sujeitos representados no museu da loucura (antes ala do Hospital Colônia) foram esquecidos, maltratados, considerados como escória da sociedade mineira e brasileira. Pessoas com sofrimento mental (ou não) de várias partes do Brasil eram internadas no hospital Colônia para serem esquecidas naquele lugar. Houve muitas mortes, sobretudo pelos maus tratos, má higiene, frio, descuido e descaso das autoridades da época. Além disso, existiu convivência da sociedade, das famílias, dos médicos e dos políticos.

Criam-se assim as geografias memoriais. Essas geografias memoriais são as espacializações e as espacialidades das memórias. Nesse entendimento confirma-se viva a chama da memória em sua história e geografia, no e do lugar, no sentido de permanência e adesão cultural, sobretudo pelas lembranças, histórias e memórias. No entanto, é relevante destacar que essas lembranças, resgates, memórias e histórias se mostram vivas no museu da loucura no presente e passado, sobretudo pelos objetos, fotografias, documentos e materiais que nos envolvem no espaço e lugar do museu.

Manter viva esta memória é importante, uma vez que seus significados históricos, políticos e sociais nos faz refletir acerca do momento contextual e conjectural da sociedade mineira no século passado, e assim, lembrar que os erros do passado não devem ser cometidos e que

a principal lição que se pode aprender é a solidariedade, compreensão para com o outro e, sobretudo, com o paciente em sofrimento mental.

Este trabalho é de natureza etnogeográfica em que seu universo investigativo (re) emergente da geografia cultural considera as experiências, memórias, vivências e lembranças relevantes em um contexto científico, acadêmico e social. Posto isso, a metodologia proposta e utilizada é a de base etnogeográfica. Para tal, procurou-se entrevistar os visitantes do museu e também pessoas que trabalham ou que trabalharam no museu. Ademais, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental, sobretudo em leituras sobre o museu, memória e história.

O objetivo deste artigo é discutir acerca da importância da preservação do museu da loucura e sua permanência como lugar de histórias, memórias e lembranças em que os sujeitos considerados esquecidos e o sofrimento destas pessoas no hospital Colônia são base de sua reestruturação enquanto espaço museológico. O artigo propõe o entendimento do museu da loucura e sua relação com as geografias memoriais, partindo da compreensão de que os lugares da memória estão inseridos e são representados nos processos e dinâmicas sociais e históricas através de suas contradições, transformações e movimento. De acordo com Milton Santos (2002, p.314) “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”.

Justifica-se pela relevância de sua memória histórica e patrimônio ainda não tombado pelos órgãos competentes, uma vez que consiste em um lugar de memória em que convida pessoas à reflexão acerca das próprias concepções de sociedade frente aos portadores de sofrimento mental. Para Le Goff (2013), a história é ambígua e mutável e sua relação com o passado e presente é relevante em suas diferentes temporalidades.

Preservar o museu, enquanto patrimônio, é cuidar e garantir que a história dos sujeitos esquecidos do município de Barbacena não se perca (mesmo que esta história tenha sido negativa). Muitos barbacenenses não aceitam o que aconteceu ou não querem lembrá-la. No entanto, divulgá-la e mostrar para gerações futuras é relevante.

Lugares como o museu da loucura são importantes propulsores de discussões e reflexões, uma vez que consegue conceber a história de vida de um lugar e das pessoas nele envolvidas, sobretudo em sua memória, no sentido de construção do sentimento de identidade. Visitar ao museu da loucura (ainda não tombado como patrimônio) é também uma maneira de preservar a memória e a história do município. Histórias tristes em que pessoas envolvidas eram tratadas como escória da sociedade e maus-tratos, mas que é importante procurar, resgatar, trazer como lição de vida, social e política para que os erros do passado não se repitam.

## **O HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA: HISTÓRIA E MEMÓRIA**

O hospital Colônia de Barbacena foi inaugurado em 1903 e desativado em finais da década de 1980. Configurou-se como um falso presente que compensava o município por ter perdido a disputa para Belo Horizonte como possível localidade para a instalação da nova capital de Minas Gerais (ARBEX, 2013). Atualmente, este espaço configura-se como o “Museu da Loucura”, inaugurado em 1996 no torreão do antigo Hospital Colônia.

O edifício foi construído sobre o terreno da antiga Fazenda da Caveira, pertencente ao traidor de Tiradentes, Joaquim Silvério dos Reis. Antes, o local foi sanatório para tuberculosos. Nele, aproximadamente, 60 mil pessoas morreram entre os anos de 1930 e 1980. Nesta fazenda construiu-se o maior hospital manicômio de Minas Gerais, antes para tratamento de tuberculose e depois para tratamento psiquiátrico.

O Complexo de Assistência aos Alienados do Estado de Minas Gerais em Barbacena compreendia grande estrutura física, mas, desde 1919, havia indícios de superlotação, fato então que desencadeou na construção de mais edifícios, pavilhões e pátios. A este complexo denominou-se Colônia, configurando-se assim como um dos maiores hospitais manicomiais do Brasil, o qual acolhia doentes que foram internados por serem homossexuais, alcoólatras, prostitutas, adolescentes rebeldes, epiléticos, mendigos, filhas que engravidavam antes do casamento ou que perderam a virgindade antes de se casarem, pessoas que eram tidas como escória, enfim, seres humanos não desejados pela sociedade e que, segundo a concepção da época, deveriam ser direcionados para um lugar longínquo, que a vista não pudesse abarcar (ARBEX, 2013).

Esses pacientes viviam como animais. Comiam ratos e até suas próprias fezes, bebiam água de esgoto e suas próprias urinas. Capins eram as suas camas. Houve muito espancamento e violência sexual. De acordo com Arbex (2013), vinham pessoas com sofrimento mental de várias partes do Brasil e, para o autor, o hospital Colônia representou um dos maiores genocídios que ocorreu neste país, sobretudo pelos maus tratos, má higiene, frio, descuido e descaso das autoridades da época.

Muitas mulheres engravidavam no hospital e assim que os bebês nasciam retiravam-nos de suas mães e entregavam-nos para adoção. Nas noites geladas, muitos pacientes morriam de fome e de doenças. Os eletrochoques eram constantes e muitas mortes aconteciam. A sobrecarga de energia era tão alta que derrubava a rede elétrica do município. Além disso, o manicômio contribuía para a economia Barbacenense através do “comércio da morte” em

que corpos de pacientes eram vendidos para a anatomia em muitas das Universidades do Brasil, sobretudo em destaque a UFMG (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS).

Conhecido como o “Comércio da morte” a venda de cadáveres de pacientes para faculdades de medicina tornou-se rotina no hospital Colônia a partir dos anos de 1960 e seu auge foi em 1971. Registros encontrados na contabilidade do hospital indicam a venda de 1853 corpos ao longo de 106 meses. Cada corpo rendia cerca de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), ou era trocado por medicamentos e alimentos destinados aos sobreviventes. Algumas faculdades encomendavam apenas ossadas que eram preparadas no próprio Hospital Colônia de Barbacena (Informação retirada do acervo fotografia museu da loucura em Barbacena/MG).

Vários foram os destaques e detalhes que mudaram a dinâmica e infraestrutura do município. Este impacto e esta dinâmica fizeram com que a cidade fosse conhecida como a cidade dos loucos. Impacto negativo para o município, daí a topofobia<sup>2</sup> pelo lugar, pela paisagem, pelas pessoas que até há pouco tempo rejeitaram seu passado. Entretanto, a paisagem se coloca como um lugar simbólico, com significados que interagem com as relações do espaço vivido.

Muitos entrevistados, sobretudo aqueles com idade acima de 65 anos e que se lembram da época “áurea” de atrocidades no Hospital Colônia ficavam tristes e indignados ao responder as perguntas do questionário e conversa com os autores deste artigo. Disseram-nos que houve convivência entre a sociedade, políticos, médicos, familiares e até da comunidade do entorno e que muitos sabiam o que acontecia no Hospital Colônia, sobretudo os maus tratos, mas não se podia fazer nada infelizmente. Foram momentos de uma época que serviu de lição para todos, mas que está na história e memória dos envolvidos: “a sensação que a gente tinha era de tristeza, sem cor, fria, sem vida e na cidade havia certo desconforto quando se comentava do hospital Colônia. Até a paisagem era meio cinzenta e escura. As pessoas eram meio tensas e estranhas”, destaca uma barbacenense de 75 anos de idade, que vivenciou e viveu esse momento no município. As pessoas da cidade não gostam de falar desta história triste do município, deste passado horrível.

Na década de 1990, uma das alas do hospital Colônia se tornou museu: “O Museu da Loucura”. O museu conta um pouco da história do hospital Colônia, há muitas fotografias e materiais que eram utilizados nos pacientes. Atualmente, o local é muito visitado por turistas. Preservar e visitar o museu da loucura também é cuidar da memória e do patrimônio, em suas materialidades e imaterialidades.

---

<sup>2</sup> Topofobia: De acordo com Osvaldo Amorim Filho (1999) é a aversão, repulsa ao lugar.

Ao analisarmos a fala do barbacenense sobre a paisagem que era meio cinzenta e escura e observamos a fotografia abaixo (Fig. 1) da frente e entrada do museu atualmente, há um embate significativo, uma vez que se trata agora de uma paisagem amena, colorida e que diferentemente do passado de suas memórias, transparece ao visitante uma percepção inicial significativamente agradável.



Figura 1: Frente do "Museu da Loucura" que é antiga ala do antigo Hospital Colônia que foi desativada e desde 1996 se tornou museu. Foto: NASCIMENTO, C.H (2018)

Posto estes detalhes, ressaltamos mais uma vez a importância de se preservar o museu e as memórias dos sujeitos que viveram e vivenciaram de alguma forma esse triste capítulo da história de Barbacena e da questão manicomial brasileira. A relevância do museu, nesse sentido, vai além da preservação dos objetos, imagens, fotografias do lugar, ela perpassa as histórias de vida desses sujeitos internados e da própria sociedade barbacenense enquanto elemento intimamente ligado à dinâmica social, histórica e cultural dessa espacialidade.

### **O museu da loucura memória: objetos, fotos, imagens**

O museu da loucura, criado em 1996, consegue conceber a história de vida de um lugar e de pessoas nele envolvidos, sobretudo em sua memória no sentido de construção do sentimento de identidade. Ele revela em seu acervo histórias e memórias tristes das

peças envolvidas (pacientes) que sofreram muito e foram esquecidos pela sociedade e pelos seus próprios familiares.

Para Le Goff (2013), a história é ambígua e mutável e sua relação com o passado e presente é relevante em suas diferentes temporalidades. Nesse sentido, criam-se, assim, as geografias memoriais, que são as espacializações e espacialidades das memórias. Para o autor a memória é um elemento crucial na construção e consolidação da história e da geografia dos sujeitos. Assim sendo, as memórias que são acionadas e desveladas aos visitantes no acervo do museu, da forma como são apresentadas, utilizando-se de recursos visuais de luz, sombra, cores e grafias, apresentam-se, por meio do jogo das paisagens escuras, frígidas e claras. As lembranças, resgates, memórias e histórias se mostram intensamente vívidas no museu da loucura.

Na figura 2 apresentamos uma fotografia do aparelho de eletrochoque/eletroconvulsor que ilustra uma das variadas experiências de maus tratos para com estes pacientes. O uso desse instrumento, como já mencionado anteriormente, gerava, em algumas situações, inclusive a falta de energia na vizinhança do hospital Colônia.



Figura 2: Foto retirada da exposição do "Museu da Loucura" que é antiga ala do antigo Hospital Colônia. Eletroconvulsor original utilizado no Hospital Colônia de Barbacena. Acervo do CHPB – Fhemig. Foto: NASCIMENTO, C.H (2018)

Pensando nessa realidade, fica o questionamento do quão essa situação gerava medo e pânico nas pessoas que moravam nos arredores do manicômio, condenando-o, muitas vezes, como algo prejudicial à imagem da cidade, mas sem compreender, muitas vezes, a real situação pela qual esses pacientes sofriam no interior das paredes gélidas daquela

“paisagem sombria”. Tais equipamentos eram muitas vezes utilizados por pessoal não qualificado e até como forma de punição aos pacientes insubordinados e bravos. Imaginavam e acreditavam que os eletrochoques eram terapêuticos, funcionando como uma espécie de “remédio” para acalmar os pacientes ou ainda, em muitos casos, para puni-los. Podia ser letal, mas era para o “bem” do próprio paciente. A terapia do eletrochoque em sua encarnação primitiva baseou-se como técnica de exorcismo e de acordo com KLEIN (2008, p.136):

O primeiro registro de uso do choque como terapia refere-se a um médico suíço do século XVIII. Acreditando que a doença mental era causada pelo diabo, ele amarrou um paciente com um fio acionado por uma máquina de eletricidade estática; uma descarga de eletricidade foi dada para cada demônio. O paciente, então, foi declarado curado.

Sobre o eletrochoque, destacamos a seguinte informação retirada do acervo do museu da loucura:

O eletrochoque também chamado como eletroconvulsoterapia no século XX, foi desenvolvido década de 1930, por psiquiátricos italianos. O método provocava convulsões através de descargas elétricas e não se usava anestesia. O eletrochoque passou a ser usado com muita frequência em especial nos casos de depressão. Nos anos de 1960 começou-se a usar a anestesia nos pacientes. Vários riscos como: luxações, fraturas e eventualmente morte por parada cardíaca e respiratória. As descargas elétricas variavam entre 120 e 130 volts (Acervo do CHPB – Centro Hospitalar da Prefeitura de Barbacena).

Além deste, muitos outros materiais que representam essas situações descritas podem ser encontrados no museu, tais como: celas, grades, algemas e objetos de castigo, ocasionando, inclusive, muitas mortes que ocorriam pelo uso desses instrumentos ou por diversas outras formas de maus-tratos e abusos para com estes pacientes. A comida era precária, não tinha cama para todos os pacientes e muitos dormiam no chão, no frio. Algumas pacientes passavam fezes em seus próprios corpos para não serem abusadas sexualmente por outros pacientes. Quando os surtos eram muito fortes e frequentes, alguns pacientes sem controle eram amarrados e colocados em grades reforçadas duplamente até que se acalmassem ou que o surto passasse. Atualmente em um das alas do museu existe a fotografia – “A última grade” de Luiz Alfredo (Fig. 3), que revela bem o sentimento de desespero dos pacientes quando se encontravam nessa situação. A localização dessa fotografia está no teto de uma das escadarias (Fig. 4) gera no visitante uma perspectiva muito próxima e real dessa situação, parecendo, realmente, ter uma pessoa presa no final das escadas.



Figura 3: Foto retirada da exposição do "Museu da Loucura" que é antiga ala do antigo Hospital Colônia. Acervo da Prefeitura Municipal de Barbacena. Foto/ reprodução: Luiz Alfredo. Fonte: NASCIMENTO, C.H (2018)

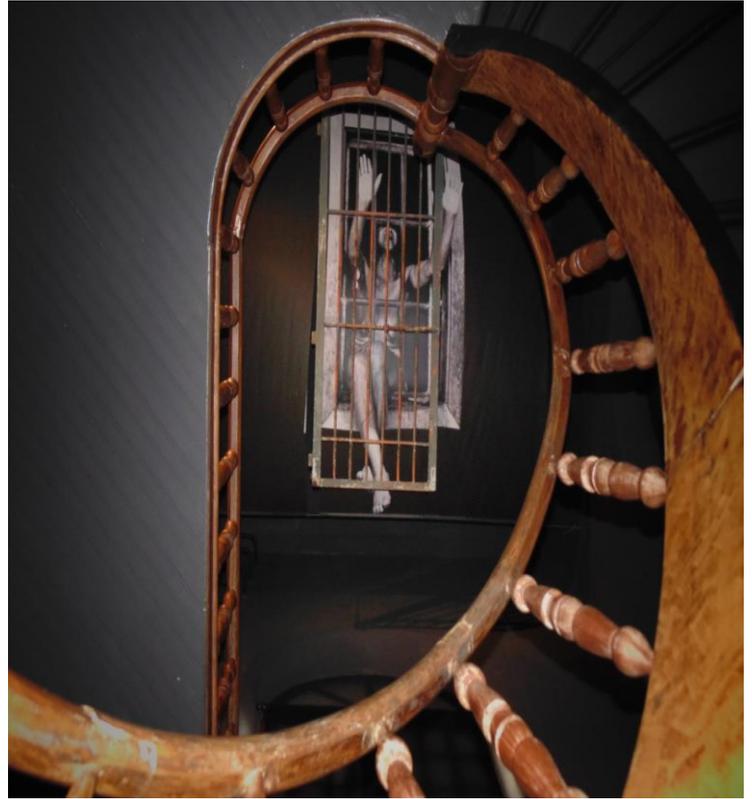


Figura 4: A última grade da última cela do Hospital Colônia – Foto retirada da exposição do "Museu da Loucura". Acervo da Prefeitura Municipal de Barbacena. Foto /reprodução: Luiz Alfredo. Fonte: NASCIMENTO, C.H (2018)

Sobre essa realidade, apresentamos ainda o relato de uma antiga funcionária do hospital Colônia, concedida durante a realização dos trabalhos de campo no museu:

Poucas eram as alternativas para tratamentos aos “ditos” pacientes de sofrimento mental e a população interna superava a capacidade de acolhimento. As crises de nervos, surtos eram intensos e muitas das vezes incontrolados. Havia a necessidade de colocar pacientes em celas, grades e algemas. Eram verdadeiras prisões.

Somente em 1990 o Hospital Colônia, denominado Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, livrou-se de sua última cela. Estas situações estão amalgamadas à história e à memória deste lugar e destes pacientes envolvidos, fatos que juntos consolidam o importante patrimônio, memória, história e identidade que são guardados e revelados pelo acervo do museu.

## **PATRIMÔNIO, MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE**

O patrimônio cultural brasileiro, de acordo com a Constituição Federal de 1988, constitui-se de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Para ALMEIDA (2008) a Constituição considera como patrimônio imaterial as formas de expressão, os modos de vida, as manifestações artístico-culturais, experiências, memórias e histórias principalmente quando nos remete à identidade do lugar, regiões e até de municípios. São as memórias e histórias que justificam, ratificam e corroboram o patrimônio e sua identidade. De acordo com LE GOFF (2013, p.14):

A matéria fundamental da história é o tempo; portanto, não é de hoje que a cronologia desempenha um papel essencial como fio condutor e ciência auxiliar da história. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.

Acredita-se que o museu da loucura se materializa como patrimônio, sobretudo, em sua história. A história que se concretizou em seu tempo, a partir da elaboração das vivências e das memórias em suas relações de passado e presente, repleta de variados acontecimentos dos sujeitos lembrados no museu da loucura, outrora esquecidos.

O museu da loucura pode ser considerado um lugar de visitas, lembranças, memórias e pesquisas. Saber um pouco desta história do município de Barbacena é relevante para o conhecimento da sociedade mineira e brasileira. Ainda não foi tombado como patrimônio histórico-cultural do município de Barbacena, mas pode ser considerado patrimônio imemorial em que suas histórias e especificidades se relacionam com as memórias, identidades e cultura.

A cultura se confirma na construção de identidades em que o papel do indivíduo se mostra importante nas dimensões simbólicas e espaciais da vida. Corrêa (2003) acredita na relevância da geografia cultural renovada, sobretudo na perspectiva dos significados e de seus símbolos, para a compreensão da espacialidade dos fenômenos histórico-culturais, como este. O olhar geográfico, da geografia cultural, e das etnogeografias se desvela como possibilidade de associar a estas memórias, vivências e histórias do manicômio e do museu da loucura. Os sentidos e relações que os barbacenenses, visitantes, ex-funcionários e estudiosos da teoria manicomial associam na autenticidade e identificação/apropriação desse lugar em suas distintas temporalidades estão intrínsecos à memória e à sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Barbacena/Minas Gerais guarda em seu passado, história, memória e especificidades relevantes em seu contexto conjuntural seja no social, político e econômico. O Hospital Colônia criado e inaugurado em 1903 revela-se importante para o município em questão, apesar de tristes acontecimentos e situações, sobretudo com as pessoas envolvidas neste lugar. Seu patrimônio, que pode ser material ou imaterial, desvelada por meio de memórias, lembranças e vivências se confirma e se mostra nesta investigação através dos pacientes outrora esquecidos e rejeitados pela sociedade e por seus familiares. Eram ditos “a escória da sociedade”.

Os ditos pacientes internados, esquecidos ou “jogados” no Hospital Colônia, passam então a ter voz e vida a partir de 1996, com a inauguração do museu da loucura, que mostra ao público todo este contexto, servindo como análise e reflexão social. As imagens, fotografias, documentos, relatos e materiais mostrados e expostos no museu, revelam a seus visitantes lembranças, histórias, memórias, identidades e especificidades de uma época. São situações que estiveram e estão amalgamadas à história e à memória deste lugar e destes pacientes (e seus descendentes) que foram internados e deixados no Hospital Colônia.

Este trabalho procurou mostrar um pouco desta história sórdida e convida aos leitores, turistas e pessoas da sociedade em geral a visitar ao museu da loucura, que apesar de não ser considerado ainda como Patrimônio Cultural do município e tampouco do Estado de Minas Gerais, guarda parte importante da memória e da história de nossa sociedade.

Nesse sentido, espera-se que esta história não fique só na memória ou só no esquecimento. No entanto, o mais importante é a reflexão para com o próximo ou o outro que outrora esteve do lado de lá do esquecimento. Tratá-los com respeito, dignidade é o mínimo a ser feito.

Evidente que muitos pacientes faleceram, mas respeitar e solidarizar com suas histórias e memórias vistas no museu são de grande relevância, e é o que importa. Que estas histórias e memórias não se apaguem com o tempo e não caiam no esquecimento, pois são elas que ajudam a ratificar e corroborar a dimensão da identidade do lugar.

Divulgá-las e mostrá-las para gerações futuras - é o que se acredita, e se espera!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. G. de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M.; CHAVEIRO, E.; BRAGA, H. (org.). **Geografia e Cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008.

AMORIM FILHO, O.B. Topofilia, topofobia e topocídeo em Minas Gerais. In: Del Rio, Vicente, Oliveira, Lívia de. **Percepção Ambiental: A experiência Brasileira**. 2ª edição. São Carlos (SP): UFSCar/ Studio Nobel, 1999, p. 139-152.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 255 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CORRÊA, R.L. A Geografia e o Urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre/ Naomi Klein; tradução Vânia Cury**. 590 p. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória/ Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... (et al.)**. – 7ª edição. 499 p. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo: EDUSP, 2002.